

**INTERVENÇÕES, RESTAURAÇÕES E PERCEPÇÕES AMBIENTAIS:  
Centro de Apoio Turístico Tancredo Neves e  
Circuito Cultural Praça Da Liberdade**

Lugar nobre por excelência, a Praça da Liberdade foi escolhida para sediar o Poder Executivo de Belo Horizonte, a nova capital do Estado, que fora transferida de Ouro Preto em época próxima a importantes acontecimentos nacionais. Tirando-se partido de condições topológicas e morfológicas, o engenheiro Aarão Reis loca a Praça da Liberdade na cota mais alta da vizinhança e cria um ponto de convergência de três principais avenidas: a atual Avenida Bias Fortes<sup>1</sup>, partindo da atual Praça Raul Soares; a Avenida Brasil <sup>2</sup>, que parte da atual Praça Floriano Peixoto (sede do 1º Batalhão da PMMG) e a atual Avenida João Pinheiro<sup>3</sup>, partindo da atual Praça Afonso Arinos. O nome Liberdade remete aos ideais libertários tradicionais de Minas Gerais.

Abrigando em seu entorno as Secretarias do Estado, a Praça da Liberdade possuía então uma unidade arquitetônica estilística, a saber, o eclético com ênfase neoclássica. A praça propriamente dita, recebeu um traçado paisagístico que, arremedando a natureza, foi concebida nos moldes do romantismo inglês e continha uma réplica do Pico do Itacolomi homenageando a antiga capital. Na década de 20, o traçado original foi substituído pelo paisagismo francês simbolizando os ideais positivistas de racionalismo e domínio do homem sobre a natureza.

Em relação à arquitetura presente na Praça da Liberdade, os edifícios pertencentes ao plano original de Aarão Reis mantém uma escala homogênea de 16 metros de altura, com 3 a 4 pavimentos em média. Em um de seus extremos, como contraponto, situa-se o Palácio do Governo, denominado Palácio da Liberdade. Nas décadas de 1950 - 1960, esta homogeneidade de estilo passa por uma importante transformação, alterando a concepção e escala originalmente prevista. Nessa época, foi inaugurado o modernista Edifício Niemeyer, projetado pelo arquiteto homônimo, bem como a Biblioteca, também de autoria de Niemeyer. Aproximadamente no mesmo período, o prédio do Instituto de Previdência do Estado (IPSEMG), de autoria do arquiteto Raphael Hardy Filho bem como o edifício popularmente conhecido como “Prédio do Xodó”, assinado por Sylvio de

---

<sup>1</sup> Antiga Avenida Cristóvão Colombo, subdivida em 1924. Parte do percurso permaneceu com o mesmo nome enquanto o outro trecho recebeu o nome de Avenida Bias Fortes. (GOMES, 2008: p. 89)

<sup>2</sup> A Avenida Brasil recebeu o nome de Avenida Floriano Peixoto durante certo período. Mais tarde voltou a possuir o nome original. (GOMES, 2008: p. 90)

<sup>3</sup> A antiga Avenida Liberdade recebeu o nome de Avenida João Pinheiro em 1908. (GOMES, 2008: p. 167)

Vasconcellos, irão contribuir para o adensamento do entorno imediato, assim como outros edifícios modernos e modernistas.

Na década de 1990, mais uma grande transformação se instaura na Praça, com a construção do Centro de Apoio Turístico Tancredo Neves (C.A.T.), denominado mais tarde de Rainha da Sucata, projeto arquitetônico em estilo pós-moderno. Alvo de inúmeras polêmicas, o novo prédio foi projetado pelos arquitetos Éolo Maia e Sylvio de Podestá. Já no século XXI, outras alterações pontuais ocorreram e têm ocorrido na região. Hoje a praça é um mostruário público de estilos arquitetônicos executados ao longo dos anos, semelhante ao que ocorre no restante da capital mineira.

Ao contrapor, em particular, os dois edifícios situados nas extremidades de uma das arestas da Praça (defronte ao Palácio da Liberdade), de fato não seria possível confirmar a existência de certo “diálogo harmônico” de materiais empregados e partido arquitetônico adotado. Em contrapartida, está ali presente notável “equilíbrio de valores arquitetônicos”, provenientes de ícones de vanguarda - de épocas distintas do novecentos - confirmando a força da arquitetura em Minas Gerais que, além do virtuosismo de sua arquitetura barroca, também adquire caráter excepcional ao longo do século XX em meio à nova capital.

Em relação ao Centro de Apoio Turístico Tancredo Neves (C.A.T.), o projeto partiu da leitura dos edifícios públicos que envolvem a Praça. A intenção inicial dos arquitetos “foi de se respeitar em escala, a leitura tipológica, o contexto urbano existente”. (MAIA, Éolo; et all. 1985: p 152). Segundo depoimento dos autores da Rainha da Sucata: “(...) pela legislação municipal, poderíamos implantar um prédio de 11 pavimentos. Não utilizamos essa hipótese. Ao contrário, projetamos um edifício com altura compatível à escala local”. (MAIA; PODESTÁ, 1993). Dessa premissa resultou um edifício que busca não apenas adaptar-se no entorno, mas respeitar em suas formas o perfil altimétrico dos prédios públicos defronte à Praça da Liberdade. Consiste num edifício de cinco pavimentos, sendo um subsolo parcial, um pavimento térreo e outros três pavimentos superiores. O principal acesso à edificação localiza-se junto à esquina, entre a Avenida Bias Fortes e a Praça da Liberdade, num local de maior visibilidade do terreno. Já o acesso para os vestiários – inicialmente encomendados e atualmente em desuso – foi projetado também na Avenida Bias Fortes, porém na outra extremidade do terreno. Esse acesso secundário, tirando-se partido da declividade natural, permitiu que os sanitários públicos fossem instalados no subsolo do edifício, ao passo que o acesso ao restante do edifício se dava a partir do nível térreo. O anfiteatro desenvolve-se desde o nível ocupado pelos sanitários

públicos até o nível do passeio lindeiro à Praça da Liberdade. Esse último equipamento busca claramente a continuidade visual e o caráter público da Praça.

A concepção do prédio como um objeto autônomo em relação às edificações vizinhas, permitida pela condição atípica do lote, enfatiza seu caráter excepcional em relação aos prédios das Secretarias do Estado. Conforme destaca Santa Cecília, *"(...) por seu valor imagético e alegórico, o Centro de Apoio Turístico tem suscitado as mais diversas reações dos usuários da Praça, desde que foi inaugurado"*. (SANTA CECÍLIA, 2004: p.152). De fato, o edifício, que atualmente abriga o Museu de Mineralogia Professor Djalma Guimarães, apresenta uma arquitetura minuciosamente detalhada, provida de inúmeros conceitos e ideais de vanguarda e de forte impacto visual promovido por suas cores e formas inusitadas.

Em entrevista para a revista OCULUM, realizada no ano de 1984, Éolo Maia enfatizava: *"O Brasil é um país cheio de cor, e por que então uma arquitetura tão cinza e tão horrorosa? Essa cidade já é poluída, muito cinza, triste, e sua arquitetura é tumular (...) não existe surpresa."* (MAIA, Éolo; et all. 1985: p. 161). É curioso o fato de que, através da crítica acima, o autor pós-moderno afirma sua busca incessante a uma arquitetura que causa surpresa. Essa busca pelo novo, pelo inusitado, embora em outro contexto, também esteve fortemente presente no discurso do renomado arquiteto modernista Oscar Niemeyer. Talvez este conceito seja mais um indício de que a linguagem "pós" nada mais poderia ser do que uma espécie de "complemento" da linguagem modernista até então em crise desde o final da década de 1960. Silvio Colin afirma: *"(...) o Pós-moderno é um termo que por si só aponta uma forte ligação com o moderno, que lhe dá origem". Porém, mais adiante o teórico esclarece que "(...) o pós-moderno vem do moderno, mas não é mais moderno"* (COLIN, 2004: p.53-54). É válido afirmar que o pós-modernismo, inclusive rejeita os princípios do fundamentalismo modernista arquitetônico. Portanto, no momento em que Maia classifica a arquitetura brasileira de cinza, estéril e tumular, é possível conjecturar que, em meio às suas críticas, o arquiteto da Rainha da Sucata atacava principalmente, ainda que de forma indireta, o purismo/racionalismo característicos da arquitetura modernista, inclusive, criticando o Estilo Internacional<sup>4</sup>. Os arquitetos mineiros defensores do estilo pós-moderno, seguindo a corrente de pensamento de Robert Venturi, também criticavam especificamente o que viam como construções sem sentido projetadas pelos seguidores do Movimento Modernista,

---

<sup>4</sup> Atribui-se o termo da arquitetura moderna, Estilo Internacional, à arquitetura funcionalista praticada na primeira metade do século XX em todo o mundo. A influência do International Style na introdução da arquitetura modernista no Brasil é fundamental, além de sua tradição ser fortemente presente até os dias atuais.

independente de suas motivações sociais ou de seus imperativos econômicos. O próprio Venturi, no momento em que fazia a afirmação de que “menos é chato”, atacando diretamente a teoria de Mies Van der Rohe: “menos é mais”, disseminava a teoria do “não só, mas também” sobre o “ou isto ou aquilo”, (GHIRARDO, 2002: p.13-14) acatada com determinação pelos arquitetos da Rainha da Sucata.

Em 1984, o Brasil vivenciava o retorno à normalidade democrática. A partir de então, de acordo com Hugo Segawa, o debate pós-moderno no país começava a ganhar corpo por meio de um sentimento anti-modernista. As imponentes obras da arquitetura dos anos de 1950-1960, bem como “(...) as realizações dos anos de 1970, pela suntuosidade e pelo monumentalismo, transformaram-se no símbolo da democracia estatal e do desperdício”. (SEGAWA, 1999: p.195). Críticas à Brasília e negar validade às teses de Le Corbusier, entre outros, tornaram-se pontos de vista correntes e dominantes entre as vanguardas nacionais.

Buscando atingir os ditames da arquitetura pós-moderna, Maia e Podestá tiram partido do “Regionalismo Crítico<sup>5</sup>”. Enquanto as forças da modernização do início do século XX tendiam a obscurecer diferenças locais, regionais e étnicas, o pós-modernismo concentra-se precisamente nessas diferenças e traz para primeiro plano o que fora marginalizado pelas culturas dominantes. (GHIRARDO, 2002). Ressalta-se que o referente termo foi cunhado por Keneth Frampton, posteriormente assinalado por outros teóricos. Segundo o crítico de arte norte-americano:

*“O termo Regionalismo crítico não pretende denotar o vernáculo do modo como esse foi, outrora, produzido espontaneamente pela interação combinada de clima, cultura, mito e artesanato, mas antes pretende identificar as ‘escolas’ regionais recentes, cujo objetivo principal tem sido refletir os limitados elementos constitutivos nos quais se basearam, e servir a eles. Entre outros fatores que contribuíram para a emergência de um regionalismo desse tipo encontram-se não somente uma certa prosperidade, mas igualmente (...) uma aspiração por uma forma de independência cultural, econômica e política”. (FRAMPTON, 2003: p.381-382)*

Os próprios arquitetos, ao justificarem o partido arquitetônico e os materiais adotados no projeto do C.A.T. Tancredo Neves, afirmaram que “os detalhes construtivos do prédio evocam referenciais próprios e de caráter de materiais regionalistas”. (MAIA, Éolo; et all. 1985: p 53). Ressalta-se que tudo “supostamente” deveria ser reconhecido por qualquer cidadão comum, dentro de uma perspectiva da cultura popular.

---

<sup>5</sup> Embora sob o mesmo significado, Charles Jencks, por exemplo, usa neologismos como “contextualismo” e “neovernacular” para referir-se à tendência.

Podemos identificar também na Rainha da sucata, exemplos do chamado "Historicismo abstrato". Esta vertente é a mais criticada versão do Pós-modernismo, a mais rejeitada pelos modernistas, além de ser a mais ostensiva e agressiva. Atraindo para si a reação contundente dos críticos, devido a sua força expressiva, possivelmente também foi a que mais desgastou. (COLIN, 2004: p.69). Seguindo esta tendência, os motivos históricos da tradição clássica (facilmente identificáveis nos prédios das Secretarias da Praça da Liberdade) são aplicados ao edifício (neste caso a Rainha da sucata), porém com suas proporções e mesmo seu desenho modificado pelos arquitetos. A intenção é a ironia, além, naturalmente, da valorização decorativa.

Da mesma forma que trabalhava o "Historicismo abstrato" e o "Regionalismo crítico", Éolo Maia e Sylvio Podestá demonstraram estar atualizados com a arquitetura que estava sendo produzida ao redor do mundo. Ao projetarem o C.A.T., outros projetos e obras experimentais reconhecidos como inovações arquitetônicas da Europa e no Japão, tornavam-se fontes de inspiração para os arquitetos mineiros. Frampton (2003: p. 382) já pontuava que *"as culturas regionais precisam atualmente, mais do que nunca, ser, em última instância, constituídas como manifestações localmente moduladas da 'cultura mundial'"*. Certamente, não é acidental que esta proposição paradoxal esteja presente na Rainha da Sucata, tendo em vista que nos anos 1980, o pós-modernismo se manifestava cada vez mais presente/atraente na nossa cultura e arquitetura de vanguarda.

Em suma, com a construção do Centro de Apoio Turístico Tancredo Neves (1984-1992), projeto executado poucos anos depois da entrevista à revista OCULUM, Maia e Podestá concretizaram um dos exemplos brasileiros mais notórios desse combate pós-moderno à simplificação da forma e significados. O prédio merece destaque por ser livre e ousado nas formas, mas presumivelmente carregada de elementos da cultura mineira além das citações e colagens tomadas de outras arquiteturas. Robert Venturi, um dos precursores da arquitetura pós-moderna, já afirmava que *"(...) modificando e adicionando elementos convencionais [os arquitetos e urbanistas] podem, por um deslocamento de contexto, obter o máximo efeito através de um mínimo de meios. Podem fazer-nos ver as mesmas coisas de um modo diferente"*. (VENTURI, 2004: p. 51).

À parte dos valores culturais e arquitetônicos, é também um dos únicos edifícios defronte à Praça da Liberdade que não objetiva a exaltação do poder, mas a própria liberdade de criação, anunciando o novo contexto político em que o país estava vivendo. Como já foi relatado anteriormente, o momento histórico de sua inauguração coincidia com o

retorno da democracia no Brasil. Nessa conjuntura, cabe enfatizar que um dos principais pressupostos da arquitetura pós-moderna finalmente poderia entrar em cena: a almejada recuperação do diálogo com as pessoas, o qual havia se obscurecido pelo caráter hermético dos discursos internos da arquitetura ortodoxa.

No entanto, apesar de toda essa sólida trama de conceitos, tecidos de forma claramente intencional, percebe-se que o resultado final consiste em mais uma obra pós-moderna <sup>6</sup> de não tão fácil leitura ou assimilação para a população leiga, uma vez que provém de contextos culturais pouco acessíveis ao cidadão comum. Às conseqüências dessa busca incessante de novos ideais bem como da recuperação do diálogo com as pessoas, tirando-se partido do objeto formal, Diane Ghirardo (2002: p. 25) contra-argumenta demonstrando certo pessimismo: *“a crença de que novas formas arquitetônicas seriam suficientes para melhorar o mundo parece hoje no mínimo ingênua. No entanto, [assim como os racionalistas], os pós-modernistas também incorreram nesse erro”*.

### **Usos, desusos, apropriações e desapropriações**

O prédio Rainha da Sucata que inicialmente seria um local de banheiros públicos e centro de informação, ou seja, totalmente voltado à apropriação pelo público, logo após a sua inauguração foi cercado por um gradil e suas funções nunca levadas a cabo. Ao longo dos anos, o edifício foi adaptado a diferentes usos, inclusive chegando a ser completamente abandonado. Atualmente a CODEMIG mantém instalado no prédio, o Museu de Mineralogia Djalma Guimarães embora inadequado às necessidades deste tipo de equipamento, devido ao espaço exíguo, claridade excessiva e pé-direito acanhado.

Conseqüentemente acabou não sendo apropriado pela população da praça apesar de todo investimento. Na época de sua construção, o edifício chamou muita atenção pelo porte e excentricidade da intervenção no local. Houve inclusive sonora polêmica apoiada pela imprensa e opinião pública.

---

<sup>6</sup> Ao ponderar o conceito e as conseqüências da arquitetura pós-moderna no mundo e principalmente no Brasil, Hugo Segawa conclui que o seu propósito, ou seja, a contestação à arquitetura moderna, atinge seus mitos, mas não seus princípios. Afirma que a *“(...) crítica tem fundamentos e é precisa em vários aspectos, mas por enquanto caracteriza-se mais como uma atitude de reação a uma precisa modernidade, sem apresentar uma alternativa concreta com espessura conceitual consistente”*. Segawa finaliza sua crítica afirmando que esse estilo resume-se em *“(...) uma permanente assombração do passado a rondar o futuro – isto é, a nós”*. (SEGAWA, 1999: p.198).

Em entrevistas realizadas<sup>7</sup> foi possível identificar uma amostragem da percepção do público sobre o prédio construído para abrigar o C.A.T. Ao Analisar a opinião dos entrevistados, é possível perceber que o prédio Rainha da Sucata ainda continua causando uma sutil polêmica. Dentre as palavras utilizadas para caracterizá-lo encontramos os seguintes adjetivos: moderno; diferente; agressivo; sofisticado; inovador.

Entretanto para os entrevistados mais jovens (nascidos aproximadamente na época de sua construção), a impressão que obtivemos é que aquela edificação já foi incorporada à paisagem urbana sem grandes polêmicas. Decorridos alguns anos da sua inauguração, parece que o prédio hoje é visto de forma mais desinteressada pela população, não causando tanto indignação nem admiração a esses cidadãos. Assim sendo, mesmo que tardia e de modo irônico, a "liberdade" de pensamento e criação passou a habitar a Praça e deu lugar a uma Rainha, cujo sobrenome "da Sucata", denuncia sua origem e sua história complexa e contraditória.

A indiferença seria o preço da integração? Segundo Oflia Arantes (1988: p. 258 e 259),

(...)“a nossa relação desatenta com a arquitetura se prende ao fato de que ela foi sempre uma arte de massa, pois ao contrário da pintura, que não se presta ao confronto imediato com as reações de um grande público (como o demonstrou o dadaísmo), a recepção da arquitetura, como outrora a da poesia épica e hoje a do cinema, se dá coletivamente e na forma da distração. (...) Pois a relação com ela teria sido sempre e em primeiro lugar utilitária, devido à necessidade básica do homem de abrigar-se, e só secundariamente contemplativa. O nosso contato com a arquitetura teria sido então eminentemente tátil, isto é, pragmático, criando hábitos que liberam nossa atenção, mantida sem esforço, basicamente descontínua, superficial e difusa, em oposição ao que seria uma recepção ótica, contemplativa, atenta, polarizada (...)”.

Quanto às Secretarias do Estado (algumas ainda em pleno uso), podemos conjecturar que, nesses edifícios, a relação desinteressada e desatenta por parte dos frequentadores da Praça também tem atingido um ponto crítico. Talvez isto ocorra pelo fato dos prédios públicos em geral, atualmente serem identificados apenas como uma “avenida” de fachadas sem interior e tampouco intimidade. A afirmativa anterior procede a partir do momento em que estes edifícios são praticamente utilizados apenas por funcionários públicos e cidadãos envolvidos diretamente na política, a despeito do restante da população que também deveria frequentar/usufruir destes equipamentos.

---

<sup>7</sup> Entrevistas realizadas, pelos autores do texto, na Praça da Liberdade. Ver anexo I.  
7/21

## Novos usos x apropriações

Com a criação do Circuito Cultural Praça da Liberdade<sup>8</sup>, uma grande mudança - ressalta-se que à parte de qualquer juízo de valor quanto ao critério das intervenções e novos usos adotados - será a liberdade de, talvez pela primeira vez na história da Praça da Liberdade, efetivamente nos "convidarem" a conhecer o interior destes prédios. A promessa é que esses últimos deixem de ser apenas fachadas interessantes (muitas vezes contempladas apenas ao serem utilizadas como suporte de decoração nas vésperas do Natal) para parte considerável da população belorizontina.

Essas fachadas ganharão espessura, intimidade e interioridade se abrindo ao uso e à promoção de conhecimento/educação através das propostas e conteúdos dos museus e memoriais. É a dessacralização do passado que está no interior dos prédios em relação à arquitetura e à história. Modernizado, exposto e visitado, esses equipamentos agora poderão ser mais bem assimilados pelos usuários. Não nos esqueçamos também do compromisso de que haja uma política constante de valorização desta cultura por parte dos gerenciadores dos museus, mantendo-os em atividade nos anos seguintes.

Local de conhecimento e de educação, a museografia dos espaços usará praticamente a tecnologia de recursos digitais na criação de mundos virtuais. Ao que tudo indica, renomados designers brasileiros foram contratados para desenvolver as atividades museográficas. A relação entre visitante e espaço será de total imersão nas imagens virtuais, é o que afirma a coordenadora do projeto Circuito Cultural Praça da Liberdade, arquiteta Maria Josefina de Vasconcellos<sup>9</sup>.

O novo conceito de museu não mais se encaixa no tempo de que somos filhos (século XX) onde esses equipamentos necessariamente exigiam um espaço de absoluto silêncio e concentração. Porém, de acordo com Vasconcellos, esta tradicional forma de museu vem perdendo público e, conseqüentemente, seu maior objetivo: disseminar conhecimento. Portanto, talvez essa seja uma maneira nova, lúdica e interativa para cativar o público, incluindo as novas gerações.

Não pretendemos aqui elaborar críticas mais consistentes quanto à natureza do novo empreendimento, mesmo porque - conforme comprovado nas entrevistas realizadas<sup>10</sup> - os projetos e premissas mais detalhadas do Circuito Cultural não foram oficialmente

---

<sup>8</sup> Para mais informações a respeito do Circuito cultural Praça da Liberdade, ver anexo II.

<sup>9</sup> Entrevista realizada, pelos autores do texto, no dia 08/05/2009.

divulgados, permanecendo restritos apenas aos profissionais diretamente envolvidos no programa. Quanto ao conceito museográfico a ser adotado, este último consiste numa experiência relativamente recente – inclusive nos países considerados de primeiro mundo –, desprovida de maiores estudos. Todavia, é perfeitamente possível cogitar a hipótese de que essa interação dificulte o distanciamento entre sujeito e objeto anulando um espaço mais propício para a reflexão. No entanto, teoricamente favorecerá uma experiência de hiper-realidade onde objetos reais serão substituídos por imagens virtuais.

Tais atividades/adaptações proporcionam aos frequentadores certo grau do que Soja denomina de “hipersimulação<sup>11</sup>”. Segundo o teórico norte-americano: *“Nos últimos trinta anos, talvez essas ‘verdades falsas’<sup>12</sup> têm escapado de sua origem local e temporal a fim de infiltrar de uma maneira jamais vista no cotidiano da sociedade urbana pós-moderna”* (SOJA, 1996: p. 452).

### **Doxa x episteme.**

Na Praça, polêmicas quanto às obras Centro de Apoio Turístico Tancredo Neves e do Circuito Cultural, bem como da perda da homogeneidade do estilo arquitetônico (neoclássico para moderno em 1954 e do moderno para o pós-moderno em 1990), da revitalização da praça em 1991 (recuperando o traçado francês, originalmente presente na primeira intervenção da praça, na década de 1920) sempre foram acompanhadas pelos termos “Promissora” e “Moderna”. Duas palavras carregadas de significados fortes e que, constantemente, vêm marcando presença na história da capital mineira.

A Praça, espaço da liberdade de expressão do povo, da arquitetura e da política, ou seja, espaço democrático por excelência, tem como espírito do lugar, inclusive no nome, a palavra “Liberdade”. Este símbolo expresso nos cheios e vazados e nos diferentes usos e existências do local (ora honrando, ora negando a verdadeira democracia) evidencia a nossa história urbanística e suas experimentações através de uma consistente linha do tempo. Agora, mais uma vez, esse espaço se transforma num novo lugar de cultura, moradia, diversão, lazer e conhecimento.

---

<sup>10</sup> Entrevistas realizadas, pelos autores do texto, na Praça da Liberdade. Ver anexo I.

<sup>11</sup> Hipersimulation ou simulacra (de Jean Baudrillard): cópia exata do original que não mais existe – ou que talvez nunca tenha existido no local. (SOJA, 1996: p. 452) – Tradução do autor.

<sup>12</sup> Tradução do termo original: “real fakes”. A criação desta passagem é originalmente pertencente a Umberto Eco.

Todo esse movimento retrata a dinâmica citadina que no ritmo das suas transformações caminha para o futuro. Belo Horizonte é uma cidade recente cuja população carrega em seu inconsciente coletivo o arquétipo da modernidade.

O olhar que se desperta em direção ao passado, divertindo-se e compenetrando-se nas imagens de um outro tempo, suscitadas nos materiais e obras que a memória impregnou, longe de constituir-se num impedimento nostálgico à história, instaura um desequilíbrio na relação com o presente, presente vivido e representado como progresso. Ergue-se uma oposição ao fetichismo do moderno, oposição à desqualificação e esvaziamento da experiência, pressionada pelos ditames extrínsecos, sempre inéditos e arrogantes de uma razão administrativa, tecnocrática, que confunde mudança com variações regidas pela obsessão do novo. (GONÇALVES FILHO, 1988: p. 95).

Além da sedução pelo novo, pelo moderno, segundo Fischer (1993: p. 136) “(...) estas transformações são percebidas como imprescindíveis, à geração de um estado de prosperidade coletiva – a sociedade da abundância, a que se refere [Jean] Baudrillard”. Otilia Arantes percebe que a “cultura” transformou-se na principal mercadoria do capitalismo tardio. Arantes chega até a defender que o capitalismo, em sua versão urbana contemporânea, assume, de fato, uma forma cultural fundindo publicidade e animação cultural. (ARANTES, 1995 p.241).

Devemos ter muito cuidado para não correremos o risco de encarar o passado como um mal a ser curado pelo remédio do novo, adotando práticas e políticas públicas que colocam em risco nossa própria identidade. Lembremos dos ditames de Aldo Rossi que, abraçando a teoria das permanências de Marcel Poète, acredita que os tipos de construção devem ser vistos como elementos enraizados nos costumes e hábitos da cidade, ou de partes específicas desta última, e não como construtos abstratos independentes das condições históricas. (ROSSI, 2001). Portanto, para construirmos um futuro digno, é preciso ter um passado respeitado, assimilado e enraizante. Em contrapartida, não devemos tomar a iniciativa de engessá-lo a qualquer custo. As questões relativas à complexidade e transformação das cidades devem ser encaradas de forma criteriosa, porém respeitando-se a natureza “fluida” do objeto uma vez que este último não se apresenta como matéria temporalmente estável e está em constante transformação. No prefácio do livro de Jeudy (2005), Paola Jacques constata que, em se tratando da preservação do patrimônio urbano, o caso brasileiro, talvez de forma ainda “imatura”, parece frequentemente prevalecer entre dois “modelos” extremos: a inexistência de noção de patrimônio dos orientais e a patrimonialização excessiva de certos países europeus. (JACQUES in JEUDY, 2005: p.11).

Assim, cabe à educação e à ética, mais uma vez procurar alavancar o esclarecimento. Paga-se preço muito caro por todo um modelo político e econômico de alienação, exclusão social, descaso cultural e, sobretudo educacional. Um modelo que muitas vezes visa justamente a manutenção da ignorância de toda uma população. Realmente é mais fácil guiar uma sociedade não esclarecida, não legitimada e sem cidadania a uma sociedade regida pela real democracia, incluindo o dissenso. Embora a primeira opção seja o caminho mais curto, será este também o mais justo?

A questão da educação e preservação patrimonial é assunto recente em um país relativamente novo e em uma cidade jovem como Belo Horizonte. No entanto, o “verdadeiro” reconhecimento da arquitetura como ciência social aplicada pode possibilitar a formação de atores mais críticos, contribuindo para a elaboração de políticas públicas mais concretas no que diz respeito às questões de patrimônio arquitetônico e cultural. Pontuemos exemplos de algumas ações positivas e esclarecedoras ao longo da história da Praça da Liberdade: 1) Éolo Maia, ao ser contratado para elaborar os sanitários públicos da Praça, além daqueles equipamentos inicialmente solicitados, propôs um projeto mais consistente e que beneficiasse a população freqüentadora do local. O arquiteto poderia criar um prédio com área semelhante ao do Edifício Niemeyer, porém resolveu adotar a solução ali consolidada, mais modesta e coerente com o entorno imediato. Ao propor um anfiteatro como um equipamento a mais para ser apropriado pela população bem como um local de informações turísticas, o arquiteto vislumbrou a possibilidade de proporcionar um uso mais adequado e coerente àquele local. 2) A arquiteta Jô Vasconcelos buscou resgatar a verdadeira perspectiva da praça ao rebaixá-la no nível arqueológico. Durante a intervenção de 1991, a arquiteta também recuperou os oito metros laterais até então ocupados por estacionamento de automóvel. 3) Ao longo das discussões a respeito das intervenções nos prédios das Secretarias, O IEPHA, o Conselho de Patrimônio Municipal (atual GERPH) e o IAB/MG, cumprindo o papel de órgãos responsáveis pelo patrimônio, vêm tentando impedir a plena descaracterização daqueles prédios, buscando a solução mais adequada para intervir nos imóveis tombados.

Num país onde existe um déficit habitacional e um descaso principalmente com mobilização urbana, saneamento, educação; a discussão e preocupação com as questões patrimoniais, culturais e ambientais ainda é ínfima e, muitas vezes, excludente. Porém, a opinião da população deve ser no mínimo ouvida e, sobretudo, respeitada. Caso contrário ficaremos eternamente à mercê das vicissitudes eleitoreiras e demais interesses políticos. Sabe-se que a questão dos valores patrimoniais é bastante

conceitual, e por vezes até subjetiva, cabendo sua prática e condução à auspiciosidade da vontade e momento políticos bem como da limitada capacidade crítica, esclarecida e honesta de muitos administradores, políticos e até arquitetos e urbanistas.

Somente através de um melhor preparo dos profissionais diretamente envolvidos, bem como da ampliação da participação popular nas decisões políticas da cidade, no orçamento participativo e nas proposições de planos diretores, é que a sociedade poderá alcançar a verdadeira cidadania. Desta forma, finalmente um tipo de vida sustentável e digna poderá se instaurar definitivamente em nossa casa-cidade.

## ANEXO I

O Homem está constantemente agindo sobre o ambiente com o objetivo de sanar suas necessidades e desejos. Muitas das ações sobre o ambiente, natural ou construído, afetam a qualidade de vida de várias gerações. O mesmo acontece com diversos projetos arquitetônicos e urbanísticos que afetam negativa ou positivamente uma grande parte da população.

Em se tratando de ambiente urbano, cada pessoa percebe, reage e responde diretamente frente às ações sobre o meio. As respostas ou manifestações são resultados das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativa de cada indivíduo. Embora nem sempre evidentes, as manifestações psicológicas são constantes e afetam nossa conduta, muitas vezes inconscientemente. Transformando o espaço, os meios natural e social, o homem também é transformado por eles. Assim, *"(...) freqüentemente o significado de espaço se funde com o de lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor"* (TUAN, 1977: p.6).

O estudo da percepção ambiental é fundamental para entendermos melhor as inter-relações entre o ser humano e o ambiente, suas expectativas, satisfação e insatisfações, julgamentos e condutas. Assim, a percepção ambiental é uma representação científica que fornece informações parciais sobre um determinado tema a ser pesquisado. Diversas são as formas de estudar a percepção ambiental, podendo-se tirar partido de questionários, mapas, representações fotográficas, desenhos etc.

Nesta perspectiva, visando compreender a percepção atual da população sobre o Centro de Apoio Turístico Tancredo Neves - atual Museu de Mineralogia Prof. Djalma Guimarães - foram realizadas 24 entrevistas. Assim sendo, 12 entrevistas aconteceram no dia 09/05/2009 e outras 12 no dia 13/05/2009. Levando-se em consideração o contexto arquitetônico em que o edifício está inserido, foram colhidas também, opiniões dos cidadãos a respeito do Circuito Cultural Praça da Liberdade. Obra considerada de grande impacto acarretando polêmica maior ou similar àquela da década de 1990 (correspondente à intervenção na Praça da Liberdade incluindo a construção do C.A.T. Tancredo Neves).

### **Questionário referente às entrevistas:**

1. Nome e Profissão;
2. Você frequenta regularmente a Praça da Liberdade?
3. Há alguma edificação na Praça da Liberdade que chama mais sua atenção? Se sim, por quê?
4. Qual o prédio que você mais gosta? Por quê? E o que você não gosta? Por quê?
5. Você já ouviu falar do Circuito Cultural da Praça da Liberdade? Se sim, o que você conhece a respeito do programa?

As respostas abaixo, através de recortes, foram transcritas procurando-se manter o foco da pesquisa:

### **Entrevistas realizadas no dia 09 de maio de 2009 (domingo):**

Maria Margarida Cassiano – Funcionária pública / aposentada;

*“Já vim muito a praça. Atualmente venho menos. Como é dia das mães viemos passear. Gosto do Prédio Oscar Niemeyer, se pudesse morava lá. Gosto do Museu de Mineralogia, já fui lá com meu sobrinho [...] Estava comentando com meu filho que futuramente vai ser tudo casa de cultura depois que for para o bairro Serra Verde. Soube do circuito através da mídia.*”

Cassiano – Analista Ambiental

*“Venho sempre a praça, trabalho perto, na Fundação Israel Pinheiro e moro no Centro. Gosto do Palácio. Do conjunto todo da praça, ele mescla moderno e tradicional tudo num espaço integrado. Acho o Rainha da Sucata fantástico. Ele dá o ar da graça de forma diferenciado”.*

Cláudio Bastos – Psicólogo

*“Venho sempre à praça. O prédio do Museu (faz referencia ao Rainha da Sucata) destoa da Praça. É modernista. Ele é muito modernista para a praça. Não conheço o Circuito Cultural da praça.”*

Flávio – Técnico em Informática

*“Gosto do Edifício Niemeyer. O Rainha da Sucata é diferente do restante, acho bonito. Não conheço o Circuito cultural da Praça da Liberdade”.*

Franklin - Funcionário Público

*"Venho raramente à praça. Gosto do prédio do Niemeyer, da biblioteca pública. O Rainha da sucata o estilo arquitetônico é diferente, chama a atenção. Pelo estilo já foi embargado não é mesmo? Já ouvi falar do circuito cultural mas não sei o que é."*

Ana Maria – Aposentada

*"Venho freqüentemente à Praça. Acho todas as edificações bonitas. O jogo do moderno com o antigo é interessante. Já entrei [faz referencia ao C.A.T.] quando era museu. Falaram que ele saiu daí". É interrompida pelo marido que discorda e diz achar o prédio feio. "Já ouvi falar do Circuito Cultural da Praça da Liberdade. Vão transformar as Secretarias em teatro, local de exposição, museu. É uma praça que todos gostam. Foi adotada mesmo pela população". Quando questionada sobre o espaço do conhecimento diz: "Já ouvi falar do planetário e acho bom."*

Érica – Bio-tecnóloga

*"Venho sempre a Praça. Aquele prédio Museu de Mineralogia não conheço. Ele fica bem no local. Combina com o que é mais contemporâneo com o moderno. Já ouvi falar do Circuito Cultural mas não sei explicar."*

Íris – Doméstica

*"Venho sempre aos domingos na Praça [...]. Não sou muito de reparar. Acho o prédio [C.A.T.]), diferente, o modelo dele, aquilo lá em cima. Não sei explicar, mas é mais moderno. [...] Não sei o que tem dentro. Nunca ouvi falar do Circuito Cultural Praça da Liberdade. [...] Acho a praça agradável!"*

Jonatas – Officiboy

*"Venho duas vezes por semana na praça. [...] gosto do prédio da biblioteca pública. Não conheço o prédio do Rainha da Sucata e não conheço o Circuito Cultural da Praça da Liberdade."*

José Geraldo – Engenheiro Aposentado

*"Venho com freqüência a Praça. Gosto da Arquitetura, gosto de olhar e sentir bem. O prédio Rainha da Sucata chama a atenção pela agressão, mas não me incomoda. Mas não tem nada haver. {...] Moro na Floresta e venho buscar o clima que a praça proporciona. Não conheço o Circuito Cultural da Praça."*

Gabriela – Estudante de Arquitetura (estava acompanhada da mãe e do namorado que participam da entrevista).

*“Geralmente passo pela praça. Nós viemos sempre na Praça da Liberdade. O que me chama a atenção é aquele prédio ali (mostra o prédio do Espaço do Conhecimento). Ele tenta acompanhar o Rainha da Sucata. O outro é diferente [C.A.T.]. É diferente mas dá para conviver com ele. [...] Já ouvi falar do Circuito Cultural”. A mãe a interrompe e diz: “Espero que a praça não fique vazia. Tenho medo que no dia a dia ela fique deserta. As secretarias seguram um pouco de gente aqui. Elas não deveriam sair da Praça” .*

André Marinho – Representante comercial (acompanhado da filha e da esposa, que interferem nas respostas).

*“Venho à praça nos finais de semana com minha família. Gosto do prédio da Secretaria de Segurança e da Educação O Prédio da Rainha da Sucata é mais moderno. Gosto dele”. Nesse momento a esposa interfere dizendo não gostar do estilo do prédio e complementa com a observação que nunca entrou. André Marinho ressalta: “ já entrei no hall do Museu. O único fato que destoa é que às vezes a gente tem uma arquitetura bem antiga e uma proposta mais atual. O que causa o impacto é justamente isso a questão das épocas. No que diz respeito a arquitetura eu gosto [...] Se mudar tudo, descaracteriza a praça. É a mesma coisa de Ouro Preto, se tirar os prédios antigos ia descaracterizar a cidade. Estamos na era da modernidade com tantos prédios de vidro... [...] Já ouvi falar do circuito cultural da Praça da Liberdade, adoro cultura e vou abraçar a causa. A cidade cresceu em nível cultural, mas ainda tem poucas opções.*

### **Entrevistas realizadas no dia 13 de maio de 2009 ( terça feira)**

Camila – Estudante

*“Passo pela Praça para ir estudar. Não presto atenção na praça. Acho todos os prédios bonitos. Não conheço o prédio (Rainha da Sucata), mas acho a forma interessante, é diferente. Nunca entrei nele”.*

Luiz – Técnico auxiliar de restauração

*“Estou trabalhando na restauração do prédio da Secretaria de Educação. Lá vai ser o Museu das Minas e Metais. [...] Gosto do Palácio do Governo porque já trabalhei nele restaurando. Gosto de todos os prédios da praça. O prédio do Rainha da Sucata é diferente mas é interessante. O Circuito Cultural da Praça da Liberdade é fantástico, vai englobar vários setores de arte é muito bacana. Fiquei sabendo através de uma palestra que a Jô Vasconcelos deu para a gente explicando como vai ser antes de começar o*

trabalho. [...] a inauguração do prédio ? a entrega da obra é em setembro 2009 e o circuito é em 2010.[...] Estou restaurando várias salas, as pinturas, teto, mantendo o original.[...]Trabalho na Oficina de Restauro que ganhou a licitação.

Jeferson – Técnico auxiliar de restauração

*“Não conheço todos os prédios, mas conheço o do IEFHA e o da Rainha da Sucata. Já entrei. Achei mais moderno, mas fico com os mais antigos[...] Acho o prédio que estamos restaurando. O Rainha da Sucata já entrei, mas não conheço. Conheço o Circuito Cultural da Praça da Liberdade e acho que é um engrandecimento para Belo Horizonte, eleva o nome da cidade. [...] A Jô deu uma palestra na Secretaria de Educação explicando o que vai ser o Circuito”. Ao ser questionado, pelo grupo responsável pela entrevista, sobre a diferença entre “restaurar” e “conservar”, tendo em vista que estava com um uniforme escrito: “conservar sem ser conservador”, Jeferson respondeu: “São coisas diferentes, mas andam juntas. Se não conservar não tem como restaurar. Um é sinônimo do outro. Você restaura aquilo que foi conservado”.*

Anderson – Auxiliar administrativo

*“Trabalho na Associação dos funcionários do BDMG, faço a minha hora de almoço aqui na praça. Gosto de tudo na praça. A arquitetura é harmoniosa. O governo está com um projeto bacana, revitalizar a cidade, valorizando a cidade. Todos os prédios são bonitos mas o que eu mais gosto é o da Secretaria de Educação. Em relação ao Rainha da Sucata, acho ele mais moderno, mas prefiro os mais antigos”. Quando identificado e questionado, pela equipe, sobre o novo prédio que irá abrigar o Espaço do Conhecimento, Anderson questiona assustado: “Aquilo é um prédio? É uma fachada de vidro? O governo está modernizando tudo! Então o que vai ser ali mesmo? Soube do circuito Cultural da Praça da Liberdade através dos jornais”.*

Jorge (profissão não declarada)

*“Venho na hora do almoço. Trabalho no IPSEMG. Acho interessante o Prédio da Secretaria de Educação. Não conheço o prédio Rainha da Sucata (...) estou prestando atenção nele agora. É diferente dos outros. Nunca ouvi falar do Circuito Cultural.”*

Adjane – Auxiliar de Servente

*“Trabalho no IPSEMG. Os prédios que me chamam a atenção são a Biblioteca e a Secretaria de Educação, ela [Secretaria de Educação] é muito bonita. O Rainha da Sucata chama a atenção por dentro e por fora. Nunca ouvi dizer sobre o Circuito Cultural.”*

Davi – Bancário

“Trabalho no BDMG. Tenho 60 anos. Estou sempre na Praça. Acho um espetáculo a [proposta de] reforma dos prédios. É uma iniciativa boa para atrair turismo. O que me desperta mais a atenção é a Secretaria de Educação. Já o Museu de Mineralogia é formidável. O Espaço do Conhecimento é um prédio do Circuito Cultural. Já ouvi falar por alto. Vai trazer melhoria do lugar, complementação, coisa de educação.

Ernani – Economista

*“Trabalho aqui em frente. Gosto muito da Praça. Em relação às construções o que me chama mais a atenção é o novo dentro do velho é diferente”. [Faz referência ao Espaço do Conhecimento]. “Já ouvi falar do Circuito Cultural. O palácio deve continuar. O governador vai continuar. A restauração da Praça da Liberdade está acontecendo para ser um circuito cultural. É a única notícia que eu tenho”.*

Túlio – Advogado

*“Tenho 25 anos. Freqüento muito a Praça, trabalho perto, namoro e moro aqui perto. Não tem nenhum prédio que me chama mais a atenção. A arquitetura do Rainha da Sucata é interessante é mais sofisticado, diferente, inovador. Nunca entrei nele. Já ouvi falar do Centro Cultural mas não sei o que será feito especificamente. Soube através de comentários boca a boca. As reformas e os empreendimentos que pretendem fazer só acredito vendo”.*

Camila – Auxiliar comercial

*“Tenho 19 anos, freqüento a Praça todos os dias no horário do almoço. Às vezes à noite no Natal. Gosto do prédio do Niemeyer. O Museu de Mineralogia nunca entrei. Aquele outro, [faz referência ao Espaço do Conhecimento] está todo fechado. Não conheço o Circuito Cultural da Praça da Liberdade, nunca ouvi falar.”*

## ANEXO II

O Circuito Cultural Praça da Liberdade visa a transformar os edifícios das Secretarias de Estado da Fazenda, de Transportes e Obras Públicas, de Defesa Social, de Educação, da Cultura, além da antiga Reitoria da UEMG e o C.A.T. em espaços culturais para o uso da população. Ainda dentro da área do projeto estão situados outros imóveis públicos como, por exemplo, o edifício do IPSEMG, o edifício do Detran, além do Arquivo Público Mineiro e do Museu Mineiro, equipamentos culturais importantes, já implantados e em pleno funcionamento, que farão parte integrante do Circuito Cultural.

Segundo o Jornal Estado de Minas (1991: p.30),

Por sua localização estratégica na região mais nobre e representativa da cidade, pelo alto valor histórico, arquitetônico e simbólico da área e das edificações envolvidas (...) o Circuito Cultural deverá se constituir em um pólo dinamizador da produção, do consumo e da fruição culturais, em um importante complexo de lazer e convivência (multiplicando e diversificando as oportunidades já oferecidas pela própria Praça).

A arquiteta Myriam Bahia contesta as propostas para intervenção nos prédios da Praça da Liberdade ao afirmar que *"o valor histórico desse importante espaço público belo-horizontino encontra-se ameaçado pelo Circuito cultural (...)"*. A arquiteta faz uma crítica ao atual governo do estado, interpretando que este último está *"(...) empenhando na construção de um novo centro administrativo e na retirada das Secretarias para instalar o circuito, marcando no espaço – e em escala monumental – a sua gestão na capital do Estado"* (Jornal Estado de Minas, 2006).

Os prédios das Secretarias de Estado, o antigo prédio da UEMG e o atual Museu Prof. Djalma Guimarães constituirão a "Fase 1" do cronograma estadual. Já os outros edifícios públicos do entorno da Praça se enquadram na "Fase 2" da implantação dos centros e atividades culturais, em virtude do cronograma de liberação progressiva dos prédios do Circuito.

Seguem abaixo as atuais propostas correspondentes aos imóveis lindeiros à Praça da Liberdade (Fase 1), segundo a arquiteta e coordenadora do Circuito cultural, Maria Josefina Vasconcellos, em entrevista realizada no dia 08 de maio de 2009:

EDIFÍCIO: Secretaria de Estado da Fazenda;

PROPOSTA: Memorial e Minas Gerais;

ARQUITETO: Humberto Hermeto e equipe;

MUSEOGRAFIA: Gringo Cárdia;

PATROCÍNIO: Companhia Vale.

EDIFÍCIO: Secretaria de Estado da Educação;  
ATUAL PROPOSTA: Museu das Minas e do Metal;  
ARQUITETO: Paulo Mendes da Rocha e equipe;  
MUSEOGRAFIA: Marcelo Dantas;  
PATROCÍNIO: E.B.X. (do empresário Eik Batista);

EDIFÍCIO: Secretaria de Segurança Pública;  
ATUAL PROPOSTA: Centro Cultural Banco do Brasil (C.C.B.B.).

EDIFÍCIO: Antiga Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG);  
ATUAL PROPOSTA: Espaço do Conhecimento;  
ARQUITETA: Maria Josefina de Vasconcellos;  
MUSEOGRAFIA: Paulo Schmidt;  
PATROCÍNIO: UFMG / TIM.

EDIFÍCIO: Centro de Apoio Turístico Tancredo Neves (C.A.T.);  
ATUAL PROPOSTA: Centro de Apoio Turístico (C.A.T.);  
ARQUITETA: Maria Josefina de Vasconcellos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

### Livros:

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **Arquitetura Simulada**. p. 257 – 282. In NOVAES, Adauto (org). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. São Paulo: EDUSP, 1995. 248p.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995. 216 p.

CASTRO, Maria Ângela Reis de (org). **Guia de bens tombados de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Edito Lastro, 2006. 316.

CECÍLIA, Bruno Santa. **Éolo Maia: Complexidade e contradição na arquitetura brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 207p.

COLIN, Silvio. **Pós-modernismo: repensando a arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2004: 196p.

FISCHER, Mônica. **Mariana: os dilemas da preservação histórica num contexto social adverso**. Belo Horizonte: FAFICH-UFMG, Dissertação de Mestrado, 1993. 216 p.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 470p.

GHIRARDO, Diane. **Arquitetura contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins fontes, 2002. 304p.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e memória. p. 95 - 124. In NOVAES, Adauto (org). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

JEUDY, Henri Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. 157p.

MAIA, Éolo; VASCONCELLOS, Maria Josefina de; PODESTÁ, Sylvio Emrich. **3 Arquitetos** (1980-1985). Belo Horizonte: Editora Cultura, 1985. 164p.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da cidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2.a edição. 2001. 309p.

VENTURI, Robert. **Complexidade e contradição em Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 231p.

JENCKS, Charles. **Arquitectura tardomoderna y otros ensayos**. Barcelona: Gustavo Gili, 1982. 200p.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: Projeto, 1988.

SOJA, Edward W. Los Angeles, 1965 – 1992: from crisis-generated restructuring to restructuring-generated crisis. In SCOTT, ALLEN J.; SOJA, EDWARD W. ORG. **The City**: Los Angeles and urban theory at the end of the twentieth century. Berkeley, Los Angeles, London: Ed. University of California Press, 1996. 483 p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

#### Artigos:

Jornal Estado de Minas. Belo Horizonte: 02, janeiro, 1991. In **Levantamento dos bens culturais do Estado de Minas Gerais**: IEPHA/MG.

Jornal Estado de Minas. Belo Horizonte: 26, agosto, 2006. In **IEPHA/BOOK**: IEPHA/MG.

MAIA, ÉOLO; PODESTÁ, Sylvio E. de. **Stepstyle Tupiniquim**: Centro de Apoio Turístico Tancredo Neves. In Revista Projeto, ed. 165, Julho, 1993.